

As tecnologias da informação e comunicação e a intensificação do trabalho docente

WALAS LEONARDO DE OLIVEIRA

Centro Universitário UNA, Brasil

walasleo@yahoo.com.br

Resumo: O artigo busca compreender as relações entre as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e a intensificação do trabalho dos professores. Com base em uma recente investigação de Mestrado realizada na Universidade Federal de Minas Gerais, o texto analisa a pesquisa sobre trabalho de professores e TIC no Brasil. Este trabalho expõe e discute quatro hipóteses para o aumento da intensificação do trabalho de professores que lecionam no ensino médio, de escolas públicas e privadas, que adotam as TIC na sala de aula. Ao final, o texto aponta para o fato de que a intensificação do trabalho dos professores é um elemento constante no processo de trabalho desses indivíduos. Portanto, os professores devem conhecer e analisar criticamente as TIC, especialmente o computador e a internet, para que possam obter maior controle sobre o seu próprio processo de trabalho e garantir melhor posição no confronto entre capital e trabalho.

Palavras-chave: intensificação do trabalho docente, processo de trabalho, tecnologias da informação e comunicação.

1. A PESQUISA SOBRE TRABALHO DOCENTE E TIC NO BRASIL

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão em todos os setores produtivos e nas mais variadas esferas do mundo do trabalho, inclusive na área educacional.

Segundo Oliveira (2007), principalmente nos últimos cinco anos, elas têm penetrado nas escolas brasileiras com uma rapidez impressionante.

Tanto instituições privadas quanto públicas, hoje, possuem computadores conectados à internet. E tais recursos, aos poucos, começam a ser introduzidos no processo ensino-aprendizagem por docentes dos mais diferentes níveis e modalidades de ensino, fazendo com que esses se tornem “ciberprofessores”¹.

As escolas têm assistido ao movimento de introdução de tecnologias em seu ambiente sem, de fato, compreender as suas implicações no trabalho de seus professores e na própria formação de seus alunos. Por isso, segundo Oliveira (2007), não se trata de criar condições para a escola responder somente ao sistema produtivo, mas de inserí-la, com criticidade, na realidade vivida por seus sujeitos, de modo que ela saiba responder às necessidades de seus discentes e docentes. Muitos docentes ainda exercem seu trabalho como se a escola estivesse deslocada da realidade vivida. E aqueles que começam a se ver diante das TIC não têm encontrado, até o momento, suporte – seja da academia ou da própria escola – em termos de estudos capazes de lhes mostrar as vantagens e desvantagens do uso das TIC no ensino.

Essas tecnologias têm sido objeto de preocupação de alguns pesquisadores em educação, tanto estrangeiros quanto brasileiros.

¹ Por “Ciberprofessor” está se entendendo professores que adotam as tecnologias da informação e comunicação no processo ensino-aprendizagem, com uma certa regularidade, seja no ensino presencial ou a distância.

Entretanto, assim como toda área de estudos que está nascendo, as contribuições oriundas de pesquisas têm sido construídas com base em estudos de caráter dedutivista, nos quais se transpõem resultados de investigações sobre o impacto das TIC na sociedade ou no trabalho em geral para a compreensão do que deveria estar se passando com o trabalho docente. É o caso, por exemplo, de Apple (1995). Ou, quando se pesquisa as tecnologias da informação em relação ao trabalho docente, os estudos ainda se limitam a analisar os modos de uso do computador e da internet pelos professores (Frutos, 1998; Liguori, 1998; Paiva, 1999; Caetano e Marques, 2002; Farias, 2003; Santos, 2003; Arruda, 2004; Garcia, 2004; Pinto e Preto, 2006).

Oliveira (2007), ao contrário, procurou investigar as possíveis alterações causadas pelas tecnologias da informação e comunicação, especialmente o computador e a internet, no processo de trabalho de docentes que adotam essas ferramentas em suas práticas cotidianas, tanto na escola, com seus alunos, quanto em casa, nos tempos e espaços da vida privada.

Oliveira (2007) teve como objetivo principal em sua pesquisa, analisar as possíveis alterações no processo de trabalho de docentes que usam tais tecnologias para o ensino de disciplinas escolares no ensino médio. O autor fez, além de pesquisa teórica, um trabalho de campo em três diferentes escolas, duas públicas e uma privada, do município de Belo Horizonte. Nelas, seis docentes foram entrevistados em dois momentos diferentes, com base na técnica de História de Vida. Eram três mulheres e três homens, com idades entre 27 e 55 anos (Oliveira, 2007).

Após o diálogo entre contribuições teóricas e os dados obtidos na pesquisa de campo, Oliveira (2007) obteve duas grandes alterações presentes no processo de trabalho dos docentes: a dissolução dos limites entre vida profissional e vida pessoal e a intensificação do trabalho docente mediado pelas TIC.

Neste artigo, discute-se a segunda destas duas alterações no processo de trabalho de docentes que adotam as TIC para ensinar, ou seja, a intensificação do trabalho de ciberprofessores.

2. SOBRE O PROCESSO DE TRABALHO

Segundo Marx (1985), o processo de trabalho consiste no próprio trabalho considerado no momento de sua atividade. É uma condição da existência humana, comum a todas as formas de sociedade humana: de um lado, o homem com o seu trabalho, o elemento ativo; do outro, o elemento natural, o mundo inanimado, passivo. O trabalho é, nesse caso, uma interação da pessoa que trabalha com o mundo natural, de tal modo que os elementos deste último são conscientemente modificados com um propósito previamente planejado.

Marx (1985) esclarece que o processo de trabalho é composto por três elementos:

1. A atividade adequada a um fim, isto é, o próprio trabalho.
2. A matéria a que se aplica o trabalho, o objeto de trabalho.
3. Os meios de trabalho, o instrumental de trabalho.

No caso do trabalhador docente, poder-se-ia dizer que seu objeto de trabalho varia entre o conhecimento e o próprio aluno.

Para a pesquisa que Oliveira (2007) efetuou, entretanto, interessava saber os meios de trabalho ou os instrumentos de trabalho que os docentes do século XXI estão adotando em suas práticas cotidianas. E, é claro, as mudanças no cotidiano do professorado, decorrentes desses novos meios de trabalho.

De acordo com Marx (1985), meio de trabalho é uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador insere entre si mesmo e o objeto de trabalho e lhe serve para dirigir sua atividade sobre esse objeto.

Até pouco tempo atrás, os meios de trabalho do professorado se limitavam ao quadro-negro e ao giz. Hoje, os recursos informáticos fazem parte até mesmo do cotidiano de professores de escolas públicas da periferia dos grandes centros.

Na concepção contemporânea, todavia, o processo de trabalho engloba o processo de produção, a organização do trabalho e a gestão da força de

trabalho, três dimensões inter-relacionadas e integrantes de um mesmo fenômeno (Corrêa & Saraiva, 2000).

Sendo assim, a análise do trabalho docente aqui empreendida buscará discutir as TIC enquanto meios de trabalho, principalmente as mudanças causadas na organização do trabalho do professor.

3. AS TIC E A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO

A intensificação do trabalho docente será discutida com base em quatro hipóteses explicativas construídas a partir do trabalho de Oliveira (2007): 1. a perspectiva da mais valia relativa de Marx, 2. a perspectiva da complexificação do trabalho, 3. a perspectiva do uso tradicional versus uso criativo das tecnologias e 4. a perspectiva da afirmação e negação da intensificação do trabalho.

Essas quatro hipóteses explicativas foram escolhidas porque, segundo Oliveira (2007), elas permitem a compreensão de uma parcela significativa das situações de intensificação do trabalho docente mediado pelas TIC. O autor escolheu essas quatro perspectivas após analisar os dados coletados em sua pesquisa de campo e confrontá-los com os dados coletados na pesquisa bibliográfica. Sua motivação, portanto, para a eleição dessas categorias explicativas parte tanto de pesquisas de autores consagrados no Brasil pelo estudo da relação entre trabalho docente e TIC (arruda, 2004; Fidalgo & Mill, 2002; Mill, 2002; Mill, 2006) quanto de reflexões sobre o seu próprio trabalho de campo, realizado em uma grande cidade brasileira. A importância dessas hipóteses explicativas está situada na possibilidade de uma interpretação mais abrangente do processo de intensificação do trabalho docente que adota as TIC, visto que tais perspectivas se complementam: uma não nega as demais; pelo contrário, elas se completam e se combinam, podendo inclusive se referir a um mesmo sujeito.

3.1. A perspectiva da mais valia relativa de Marx

Durante um grande período da Revolução Industrial foi muito comum os operários trabalharem 14, 16 ou até mesmo 18 horas por dia. Marx (1985) informa que o dia de trabalho desses operários começava antes do nascer do

sol e só terminava por volta das 22:00 horas. Para o capital, o dia de trabalho compreendia todas as 24 horas, descontados apenas os poucos momentos de pausa sem os quais a força de trabalho ficaria absolutamente impossibilitada de realizar novamente sua tarefa.

O operário, durante toda sua existência, nada mais era do que força de trabalho e todo o seu tempo disponível era, por natureza e por lei, tempo de trabalho a ser empregado no próprio aumento do capital. Naquele momento, não tinha sentido o tempo para a educação, para o desenvolvimento intelectual, para preencher funções sociais, para o convívio social ou familiar. Só importava, para o capital, o aumento dos lucros.

Para os trabalhadores maiores de 18 anos e do sexo masculino não havia nenhum tipo de lei que estabelecesse um limite para a jornada diária de trabalho. Somente para as mulheres e crianças, que começavam a engrossar a força de trabalho após o advento da maquinaria, existiam algumas medidas para o controle do tempo de trabalho.

Contudo, através de constantes embates entre o proletariado e a burguesia industrial conseguiu o primeiro a jornada normal de trabalho, um limite do tempo diário de trabalho, a princípio na Inglaterra, mais tarde em outros países da Europa e nos Estados Unidos (Marx, 1985).

Com o incremento maior da maquinaria tornou-se comum o uso e exploração da força de trabalho feminina e infantil. De acordo com Marx (1985), a máquina tornou pouco necessária a força bruta e, com isso, ocasionou o ingresso de toda a família na exploração capitalista.

Mas não foi a introdução de crianças, adolescentes e mulheres no cotidiano das fábricas a única alteração causada pelo surgimento de um grande número de máquinas na sociedade industrial. Com elas mudou também a jornada de trabalho. De acordo com Marx:

Se a maquinaria é o meio mais poderoso para aumentar a produtividade do trabalho, isto é, para diminuir o tempo de trabalho necessário à produção de uma mercadoria, em mãos do capital torna-se ela, de início nos ramos industriais de que diretamente se apodera, o meio mais potente para prolongar a jornada de trabalho além de todos os limites estabelecidos pela natureza humana. (Marx, 1985, p. 459).

A máquina produz, ao mesmo tempo, mais valia absoluta e mais valia relativa. Ela produz mais valia absoluta porque prolonga o dia de trabalho. Para o capitalista é um grande desperdício ficar com uma máquina que lhe custou muito caro algum tempo parada. E ela também produz mais valia relativa diretamente ao depreciar a força de trabalho e indiretamente ao baratear as mercadorias que entram na reprodução dessa força. Além do mais, o desenvolvimento da produtividade do trabalho na produção capitalista baseada na introdução das máquinas tem por objetivo reduzir a parte do dia de trabalho durante a qual o trabalhador tem de trabalhar para si mesmo, justamente para ampliar a outra parte durante a qual pode trabalhar gratuitamente para o capitalista, ou seja, o trabalho excedente (Marx, 1985).

Segundo Marx (1985) o prolongamento da jornada de trabalho ocasionado pela maquinaria, levou a uma revolta e a lutas sociais no sentido de se conseguir uma jornada normal de trabalho que fosse legitimada e limitada pelo próprio Estado Capitalista. Sendo assim, em decorrência dessa limitação da jornada de trabalho que impossibilitava, ao menos abertamente, os abusos anteriormente cometidos, fez necessária a prática de um fenômeno ímpar na exploração do operariado pelo capital: a intensificação do trabalho.

Diante da impossibilidade do aumento real, em horas de trabalho, da jornada diária, restou aos capitalistas fazerem com que os trabalhadores produzissem, em menor tempo, o que produziam com mais horas diárias de trabalho. Isto ocasionou, naturalmente, um aumento da velocidade do trabalho e de sua intensidade. Essa compressão de massa maior de trabalho, num período menor que o anterior, significou para o proletariado maior quantidade de trabalho.

O capital passou então a explorar o operariado principalmente através da obtenção da mais valia relativa. Os trabalhadores foram levados a produzir mais em um tempo menor do que de costume. O que se perdeu em duração, ganhou-se em eficácia. Através de uma política de retribuição baseada no pagamento por peça ou tarefa, o capital induziu o trabalhador a empregar realmente maior força de trabalho.

Sendo assim, a redução da jornada criou a condição subjetiva para intensificar o trabalho, capacitando o trabalhador a empregar mais força num tempo determinado. E quando essa redução se tornou obrigatória,

transformou-se a máquina nas mãos do capitalista em um instrumento objetivo e sistematicamente empregado para extrair mais trabalho no mesmo espaço de tempo. E isto foi possível, basicamente, com o aumento da intensidade do trabalho. Do proletariado cobrou-se mais atenção e habilidades cada vez mais minuciosas na execução das tarefas. Ao mesmo tempo, as máquinas eram aperfeiçoadas e se tornavam mais rápidas. Da mesma forma aumentava a necessidade de maior rapidez por parte de quem as usava.

Não estaria hoje, o trabalho do professor, em uma situação semelhante a essa da intensificação do trabalho ocorrido em um dado momento da Revolução Industrial? Em outras palavras, o ciberprofessor não estaria tendo seu trabalho intensificado embora, aparentemente, o tempo de trabalho pareça ter diminuído com os novos meios? Ou ainda, a exploração do seu trabalho não teria passado da perspectiva da mais valia absoluta para a mais valia relativa?

Segundo alguns ciberprofessores, entrevistados por Oliveira (2007), hoje seu ritmo de trabalho é maior que o de algum tempo atrás, quando ainda não adotavam as tecnologias da informação em sua prática cotidiana. De acordo com o relato desses professores, é possível perceber que seu trabalho está mais comprimido na jornada normal de um dia. Eles têm que desenvolver mais atividades, preparar mais aulas, orientar mais alunos, ler dezenas de e-mail's, etc. em um intervalo de tempo que não aumentou nos últimos 30 ou 40 anos.

As pesquisas de Lessard e Tardif (2005) sinalizam que não houve, nas últimas décadas, aumentos significativos na carga horária de trabalho dos professores da maior parte dos países da OCDE. Daí, depreende-se que, de fato, se o trabalho docente foi alterado o foi mais em termos da diminuição dos intervalos destinados ao descanso e lazer, ou seja, em termos de tempo destinado à reprodução da sua força de trabalho do que no tocante à diminuição real da carga horária de trabalho, seja na escola ou em casa.

No caso dos docentes pesquisados por Oliveira (2007), observou-se que seu trabalho possui mais tarefas que o trabalho que desenvolviam antes do uso das TIC. Segundo os relatos desses professores, eles têm a sensação de que o dia passa mais rápido e de que suas vidas estão sofrendo um processo

crescente de aceleração. Tudo, para eles, parece ser mais “corrido”. Assim como se sentem pressionados e angustiados diante da imensidão de informações e inovações disponíveis pelas TIC. Nesse sentido, ao serem perguntados sobre seu sentimento quanto a possibilidade de estarem sempre atrasados em relação ao tempo, de estar sempre participando de uma corrida sem fim na busca de se atualizarem, de se aperfeiçoarem e de se informarem sobre as novidades, alguns demonstraram estar verdadeiramente angustiados. Em um mesmo espaço de tempo, a tarefa de buscar informações e conhecimentos que possam ser revertidos nos alunos, aumentou consideravelmente. Até bem pouco tempo atrás, tinham apenas livros para procurarem conteúdos para suas aulas e atividades docentes. Agora, principalmente com a internet, possuem à sua disposição uma infinidade de possibilidades de pesquisa. Por isso, provavelmente, esses professores sentem seu trabalho comprimido no mesmo tempo de que dispunham antes do incremento das TIC (Oliveira, 2007).

3.2. A perspectiva da complexificação do trabalho docente

De acordo com Lessard & Tardif (2005), o trabalho dos docentes não estaria exatamente passando por um processo de aumento da carga horária, mas sim por uma mudança qualitativa. O trabalho docente estaria se tornando mais complexo. Segundo os autores, na medida em que os novos métodos de ensino foram se modernizando, a burocracia escolar foi se tornando mais extensa, as novas tecnologias foram se incorporando ao cotidiano dos professores e estes passaram a ter um estatuto regulado e legitimado, seu trabalho se tornou mais complexo.

Lessard e Tardif (2005) argumentam que o trabalho do professor se tornou mais complexo, então, em dois planos: o cognitivo e o emocional. No plano cognitivo porque os professores do século XXI estariam trabalhando com uma diversidade de alunos tão grande que os obrigaria à necessidade de elaborarem uma imensidão de estratégias pedagógicas. Além disso, as tecnologias da informação estariam influenciando tanto o pensamento e a prática dos jovens que os professores teriam que se esforçar muito mais agora devido às concorrentes e diversificadas fontes de informação e conhecimento as quais estão sujeitos os alunos.

Os professores da pesquisa de campo, investigados por Oliveira (2007), sinalizam esse aumento de seu trabalho em termos de complexidade cognitiva. Antes de se tornarem ciberprofessores, eles preparavam aulas basicamente utilizando livros, artigos, revistas, etc. Atualmente, entretanto, as possibilidades de busca de informações expandiram-se tanto, especialmente com a internet, que se um professor fosse tentar esgotar todos os sites sobre um determinado assunto, ele levaria dias, ou até mesmo semanas, para preparar uma única aula. E, como seu tempo de trabalho, segundo Lessard e Tardif (2005), realmente não se estendeu em termos de número de horas, ao menos não significativamente, é possível compreender que, agora, o professor que prepara suas aulas com base nos recursos tecnológicos disponíveis tem que ser muito mais ágil que antigamente. De fato, selecionar algum conteúdo no meio de uma gigantesca quantidade de informações e assuntos digitalizados, é bem mais complexo que folhear um livro ou revista. Mas, como fazer isso se o tempo de trabalho não aumentou substancialmente? Resta aos docentes, de acordo com Oliveira (2007), agilizar suas tarefas, o que, via de regra, implica também em diminuir as lacunas na sua atividade profissional destinadas à reprodução de sua própria força de trabalho.

No plano emocional, os docentes, hoje, se envolvem muito com os impasses sociais de seus alunos: as famílias são mais pobres, os valores tradicionais estão desmoronando e a escola já não tem como função primordial o ensino de conteúdos escolares (Oliveira, 2007).

Alguns docentes entrevistados também demonstraram preocupação e envolvimento emocional com seus alunos. Para eles, ser professor hoje não é apenas ensinar um conteúdo escolar, mas compreender, ouvir e orientar os alunos sobre os impasses da vida.

Farias (2003) também defende a perspectiva da complexificação do trabalho docente baseado no uso das tecnologias da informação. Segundo a autora, os novos recursos estão causando um grande esforço intelectual e emocional nos professores.

Sobre o esforço intelectual, Farias (2003) esclarece que, diante do desconhecido, de situações de ensino diferentes daquelas até então experimentadas, os professores sentem necessidade de se inteirar acerca

delas. Nesse sentido, conforme a autora, o trabalho intelectual dos professores em relação à mudança se manifesta nas decisões que eles precisam tomar para definir suas posições, bem como nos empreendimentos a serem realizados para operacionalizá-la; envolve a aquisição de conhecimento e capacidade de análise crítica e decodificação da política em termos práticos para a sala de aula.

Já acerca do esforço emocional, Farias (2003) explica que o caráter emocional do trabalho da mudança faz referência ao movimento psicológico – “de conotação agradável ou penosa” – que acompanha as variadas relações do professor na escola: quando julga o comportamento de um aluno ou infere sobre seu envolvimento ou não nas atividades curriculares; quando motiva ou desestimula o engajamento dos colegas; quando valoriza ou não possibilidades novas de trabalho; quando assume riscos frente a desafios, como o uso do computador, etc.

Portanto, de acordo com a autora, mudanças no âmbito pedagógico do processo educativo escolar solicitam um trabalho árduo dos professores, o qual se situa para além das alterações didático-metodológicas de natureza puramente técnica. Isto significa, segundo Farias (2003), que mudar requer aprendizagem e é intelectual e emocionalmente exigente e difícil.

Hoje, segundo Oliveira (2007), o trabalho do professor não se limitaria mais apenas a instrução das novas gerações, mas estaria envolvido em um conjunto de atividades que demandaria um alto grau de polivalência². Ao professor da era da informática seriam cobradas desde competências relacionadas ao trabalho em equipe, flexibilidade, iniciativa e criatividade até o domínio de sua própria formação e gerência de suas emoções.

Enfim, Lessard & Tardif (2005) defendem que o trabalho docente foi intensificado nos últimos anos não por um aumento da carga horária de trabalho, mas por ter se tornado mais complexo e extenuante, sobretudo no plano emocional e cognitivo.

E esse agravamento e complexificação não se traduzem, de acordo com os autores, em um prolongamento significativo do tempo de trabalho, mas sim em uma deterioração da qualidade da atividade profissional: os

professores estariam mais “enquadrados” e a relação com os alunos teria se tornado mais difícil por causa dos fatores já comentados.

A intensificação do trabalho docente se daria, então, em grande parte, porque a relação dos professores com os alunos seria mais complexa e multidimensional. Ela comportaria tensões e dilemas importantes e seria determinada por fatores ambientais: pobreza, violência, etc. E tal relação suscitaria nos professores sentimentos ambivalentes: por um lado seria fonte de gratificação e alegria, por outro seria lugar de dificuldades e provações (Lessard e Tardif, 2005).

3.3. A intensificação do trabalho segundo o uso que se faz das TIC

De acordo com Oliveira (2007), outra explicação para a intensificação do trabalho do ciberprofessor se refere à perspectiva da existência ou não da intensificação de acordo com o uso que o professor faz dos novos meios.

Segundo a pesquisa efetuada por Arruda (2004), os poucos professores que faziam um uso mais inovador das tecnologias da informação trabalhavam mais, tanto em relação aos professores que não usavam os novos recursos, quanto em relação aos docentes que adotavam os novos meios, mas de maneira tradicional.

No caso da intensificação do trabalho discutida por esse autor, portanto, há uma variável importante. De acordo com o mesmo, estaria ocorrendo intensificação do trabalho somente com aqueles professores que possuíam um manuseio inovador das tecnologias. Os professores que usavam as novas tecnologias como as tecnologias antigas estariam tendo uma diminuição da carga de trabalho. Nesses casos, o do uso tradicional do computador, o trabalho docente estaria sendo mais agilizado e facilitado. Conforme o autor:

(...) Os professores consideram que o uso das NTIC de uma maneira inovadora aumenta muito a sua carga de trabalho, principalmente o tempo de trabalho não remunerado. (...) Já a utilização de uma maneira ‘tradicional’ foi considerada pelos professores como elemento facilitador de seu trabalho. Ao utilizar as NTIC com a mesma função de tecnologias anteriores (copiadora, máquina de datilografia, etc), os professores consideram que as novas tecnologias facilitam e agilizam muito o seu trabalho. (Arruda, 2004, p. 116-117).

² Termo relacionado à capacidade do trabalhador de executar diferentes tarefas.

Arruda (2004) esclarece que os professores inclusive resistem ao uso das TIC por saberem que tais ferramentas exigem certas habilidades mínimas sem uma contrapartida salarial. E aqueles que ousam usar os novos meios acabam fazendo um uso sucateado, geralmente para a confecção do material pedagógico.

Sendo assim, conforme o autor, pelo menos por enquanto não é interessante o uso das novas tecnologias pelos docentes, uma vez que elas derrubam pilares sobre os quais foram construídos todos os seus saberes e exige o agregamento de novas habilidades na sua formação e no seu trabalho sem um aumento salarial correspondente.

A explicação defendida por Arruda (2004) deve ser levada em consideração porque na pesquisa de Oliveira (2007) também foi constatado que os professores que adotam as tecnologias da informação, quase sempre, ainda fazem um uso muito tradicional.

No caso dos docentes acompanhados por Oliveira (2007), constatou-se que eles adotam as TIC para dar aulas basicamente usando o power point, ou seja, como um recurso para a velha e conhecida aula expositiva. Somente Fabiana³ e Pedro deixaram claro que não fazem um uso tradicional das tecnologias da informação, demonstrando, inclusive, a capacidade de distinguir entre um uso tradicional e inovador dos novos meios. Nesse sentido, segundo Fabiana, uma das desvantagens do uso das TIC pelos docentes acontece exatamente quando eles fazem um uso tradicional desses novos meios. De acordo com a entrevistada:

Você não pode trazer uma coisa velha, uma prática velha, uma postura antiga como se fosse nova. Então, quando o professor leva o aluno para a sala de informática e pensa que inovou, mas continuou com a prática dele... ele não fez nada, é a principal desvantagem. A aula se torna cansativa e enfadonha do mesmo jeito. Por exemplo: o professor vai para o laboratório com os alunos e fala: 'olha gente, digitem um texto'. Não ensinou nada. Mas, se ele for lá e colocar no quadro: 'temática para pesquisa, sites indicados, etc. e depois direcionar para uma digitação de texto, ele mudou toda a conotação da aula. Ele não foi o centro nem do ensino e nem da

aprendizagem. O aluno teve que ler a orientação, teve que pesquisar, teve que sintetizar e depois teve que digitar. Aí sim vem o resultado da aula. Então, o que eu vejo nessa questão toda é que se não houver uma mudança de postura a sala continua sendo uma sala comum, só para acúmulo de informações e não para a construção de conhecimentos. (Oliveira, 2007, p. 106).

Com frequência, de acordo com Oliveira (2007), os entrevistados demonstravam que consideram que as tecnologias da informação agilizam e facilitam o seu trabalho. Muitos disseram que o computador os ajuda a preparar as aulas, as atividades em sala, as avaliações, etc. Oscar, o entrevistado mais jovem da amostra, por exemplo, deixa claro que o computador agilizou o seu trabalho. Segundo este professor:

(...) Com o computador é muito mais rápido. Hoje eu monto uma prova com questões da faculdade que eu quero, com o tema que eu quero, antes eu gastaria no mínimo 01 hora. Agora não, as minhas aulas ficam no portal, é só o menino entrar lá e acessar. Hoje a gente salva as aulas. No meu computador tem aula desde que eu comecei a formular aula, eu não preciso montar uma aula, é só pegar no meu banco de aula. O computador tornou o trabalho mais prazeroso. A gente acha na internet cada foto maravilhosa. Proporciona estudo, a aula fica muito mais rica (...). (Oliveira, 2007, p. 38).

Levando em consideração que os entrevistados, excetuando-se Fabiana e Pedro, fazem um uso diário, mas tradicional do computador, pode-se dar crédito a esta explicação para a intensificação do trabalho docente. Talvez, de fato, de acordo com Oliveira (2007), os professores que adotam o computador no ensino de uma maneira semelhante à de Oscar, ou seja, para "pegar" uma aula já previamente acabada e salva, estejam gastando menos tempo no "preparo" de suas aulas em relação a um professor que não usa computador para ensinar ou em relação a um docente que usa os novos recursos, mas opta por inovar a cada aula.

E os docentes que disseram que o computador agiliza e torna mais fácil seu trabalho foram exatamente os que fazem um uso mais tradicional. Nesse sentido, pode-se ter a hipótese de que aqueles professores que procuram realmente inovar, como é o caso de Fabiana e Pedro, sofrem o processo de intensificação de seu trabalho. Pelo que falaram, são pessoas que não trabalham menos que 12 horas por dia e, constantemente, estão procurando

³ Para se preservar a identidade dos entrevistados, todos os nomes que aparecem no trabalho de Oliveira (2007), segundo o próprio autor, são fictícios.

se aperfeiçoar no domínio didático das tecnologias da informação (Oliveira, 2007).

A professora Fabiana, por exemplo, afirmou: “a carga de trabalho aumentou muito por causa de estudos, busca, pelo anseio de aprender. Dediquei-me muito mais que um professor qualquer” (Oliveira, 2007, p. 37).

O único professor da amostra que possuía mestrado, por sua vez, relatou: “pra mim o computador aumenta a carga de trabalho, tudo tem que ser preparado com muita antecedência, a máquina às vezes falha, ela proporciona uma qualidade muito maior, mas aumenta minha carga muito também” (Oliveira, 2007, p. 37).

No relato acima é notório o uso diferenciado que este professor faz das tecnologias digitais. Ao contrário do seu jovem colega da escola privada, ele deixa claro que prepara – e com muita antecedência – suas aulas.

Também é perceptível que os professores que estão trabalhando com as TIC de uma maneira mais inovadora são, ao contrário do que se pensa, docentes mais velhos: ambos estavam com mais de 40 anos de idade no momento da coleta de dados. Ao contrário, Oscar, um dos professores que demonstrou um uso mais tradicional do computador no ensino, é justamente o mais jovem da amostra: tinha apenas 27 anos de idade quando foi entrevistado (Oliveira, 2007).

Enfim, a perspectiva da intensificação do trabalho docente de acordo com o uso que se faz das TIC é bastante plausível. A pesquisa de campo realizada por Oliveira (2007) poderia confirmá-la, ao menos parcialmente. Contudo, tem-se outra possibilidade explicativa. É a que será discutida a seguir.

3.4. A perspectiva da afirmação e negação da intensificação do trabalho

Diante das entrevistas realizadas com os seis sujeitos apresentados e da pesquisa bibliográfica empreendida, Oliveira (2007) procurou estabelecer outra possibilidade de explicação para a intensificação do trabalho docente baseado nas TIC. Tal perspectiva pode ser chamada de “afirmação e negação da intensificação em um mesmo sujeito”.

Como já foi comentado, há professores que usam as TIC de uma maneira mais inovadora e outros que as usam de forma mais tradicional. Também foi discutido que o uso tradicional agiliza e facilita o trabalho do professor, enquanto o uso mais inovador leva a uma carga de trabalho maior.

Sendo assim, levando-se em consideração, conforme Marx (1985), de que a contradição é inerente ao capitalismo, tem-se a hipótese de que em um mesmo sujeito há afirmação e negação da intensificação do trabalho.

Neste sentido, conforme Oliveira (2007), quando um professor prepara sua aula com o computador, pela primeira vez, ele tem um grande trabalho de pesquisa: seja na internet, em livros ou em outras fontes, ele tem que buscar ajuda para o conteúdo da tarefa. Além disso, ele tem que mobilizar todo o seu conhecimento informático para colocar esse conteúdo na máquina. Ainda, utiliza a sua competência docente para adequar um conteúdo qualquer a uma linguagem pedagógica digitalizada. Nessa primeira vez, portanto, seu trabalho é desenvolvido em 03 etapas: 1) busca de informações em diferentes fontes, 2) importação dessas informações para o computador, o que exige um conhecimento razoável de certos programas e 3) adequação e reflexão sobre as informações no sentido de produzir um conhecimento escolar digitalizado.

Mas, depois que esta aula já estiver pronta, basta ao docente salvá-la no computador. Assim, na próxima vez que ele for tratar do conteúdo já trabalhado, resta fazer pequenas alterações. Aqui, a criatividade não é tão necessária já que o trabalho criativo foi anteriormente feito e agora só é preciso levar em consideração as heterogeneidades da turma em que a aula será dada.

Portanto, supõe-se que há intensificação do trabalho docente com as tecnologias da informação apenas na fase da criação do material pedagógico. Depois que este já está pronto, o computador estaria realmente servindo para diminuir o tempo gasto para a execução da tarefa de preparar aulas ou materiais didáticos. Enquanto na primeira etapa o professor é levado a mobilizar mais competências em sua atividade, na segunda lhe basta fazer algumas poucas modificações na aula original.

Tal explicação ganha credibilidade ao se analisar como alguns dos entrevistados são contraditórios quanto o aumento ou diminuição da carga de

trabalho. Ora eles mencionam que as TIC agilizam e facilitam seu trabalho, ora eles alegam que tais recursos provocam um aumento da sua carga.

Arruda (2004) encontrou esse mesmo dado em sua pesquisa de campo. Segundo o autor:

Nas entrevistas realizadas, foram encontradas respostas que não esclareceram, em um primeiro momento, as questões referentes às diferenças dos tempos de trabalho com e sem o uso de NTIC no processo de ensino presencial. Todos os professores responderam de maneira dúbia, acreditando que as NTIC aceleram a intensificação de seu trabalho, mas também proporcionam agilidade muito grande. (p. 101).

Talvez, o que os professores da amostra aqui em questão procuravam demonstrar, mas não conseguiam fazê-lo com clareza, é o fenômeno da contradição inerente ao trabalho docente mediado pelas novas tecnologias. Provavelmente, buscavam informar que, quando elaboravam alguma atividade didática pela primeira vez com a ajuda das TIC, tal trabalho exigia muito deles. E quando preparavam uma atividade didática já previamente elaborada, o computador servia para diminuir o tempo e o esforço gasto em tal tarefa.

Sendo assim, os professores estariam vivendo um momento de afirmação e negação da intensificação do trabalho. Sua carga de trabalho, que a princípio é aumentada, passaria depois a ser diminuída no momento em que o trabalho criativo já estivesse imortalizado. Enquanto na primeira etapa os docentes fariam um trabalho semelhante ao que Lessard e Tardif (2005) chamaram de trabalho complexo, na fase seguinte eles fariam um trabalho muito mais simplificado.

Júlia, uma entrevistada da escola privada, demonstra essa contradição quanto a questão da intensificação do trabalho. Ao ser perguntada sobre as desvantagens do trabalho docente com o computador, ela cita o aumento da carga de trabalho, do tempo propriamente dito para se preparar uma aula. Entretanto, logo em seguida, quando é perguntada sobre a “invasão” do computador e do trabalho que ele acarreta no espaço doméstico, a entrevistada diz que essa ferramenta diminui a carga de trabalho. Em suas palavras:

(...) A carga-horária de trabalho foi alterada, para selecionar as informações é preciso mais tempo. Exige mais tempo, mais conhecimento, leva muito tempo para selecionar as informações. (...) Antes, sem essa ferramenta, a vida da gente era mais complicada, até para montar plano de aula... hoje a gente tem os planos de aula computadorizados. Se não tomar cuidado a gente fica viciado. Mas a gente que é professor não corre esse risco porque a gente trabalha muito e não tem tempo. Quando eu preparava aula sem computador, gastava mais tempo que hoje. (Oliveira, 2007, p. 72).

No relato acima é notório o que se está argumentando nesta última perspectiva de explicação da intensificação do trabalho docente. Quando a professora Júlia prepara uma aula pela primeira vez, há intensificação do trabalho: “(...) para selecionar as informações é preciso mais tempo. Exige mais tempo, mais conhecimento, leva muito tempo para selecionar as informações”. Contudo, quando a aula desta professora já está pronta e gravada em seu computador e ela precisa retomar o assunto, aí não há intensificação do trabalho já que ela simplesmente busca a aula e faz pequenas alterações: “(...) antes, sem essa ferramenta, a vida da gente era mais complicada, até para montar plano de aula... hoje a gente tem os planos de aula computadorizados”.

Portanto, segundo Oliveira (2007), o que está acontecendo é uma afirmação e negação da intensificação do trabalho docente mediado pelas TIC. O professor, ao usar o computador para dar aula, pode estar passando por um processo tipicamente contraditório e mais capitalista do que quando não usava os novos meios de trabalho.

Ao contrário do que acontecia alguns anos atrás, a criatividade docente está sendo muito pouco usada, basicamente só na primeira vez em que as aulas são preparadas. Depois, o professor usa várias vezes a mesma apresentação ou o mesmo material. Às vezes, talvez, sem nem mesmo fazer pequenas alterações. Nesse sentido, o computador pode estar representando um extermínio progressivo da criatividade docente.

Conclui-se, portanto, que os professores estão passando por um processo de intensificação do trabalho somente no momento em que realmente criam suas estratégias de ensino mediadas pelo computador. Mas, depois que seu material já se encontra gravado na máquina, de fato percebe-se que o tempo de trabalho e o desgaste para “preparar”, seja uma atividade,

prova ou aula, são diminuídos, levando os professores a declararem que o computador os ajuda deixando seu trabalho mais ágil e fácil.

4. ELEMENTOS CONCLUSIVOS

Enfim, essas quatro explicações a respeito da intensificação do trabalho se complementam. Uma não nega as outras. E nenhuma delas pode ser considerada melhor que as demais para a compreensão do fenômeno em questão. São apenas formas de se pensar a intensificação do trabalho dos professores que adotam as TIC para ensinar.

O que elas têm em comum é o fato de afirmarem que há sim intensificação do trabalho docente mediado pelo computador. Seja pelo aumento do ritmo de trabalho ou pelo aumento do grau de complexidade do mesmo, seja pelo uso que se faz das TIC ou pela perspectiva da afirmação e negação da intensificação, todas coincidem em apontar que está, de fato, acontecendo uma intensificação do trabalho do professor que utiliza os novos recursos para ensinar conteúdos escolares aos alunos.

É preciso se levar em consideração que o professor, um profissional da educação que sofre todos os males advindos da desvalorização da educação brasileira, passa por grandes dificuldades em compreender as tecnologias da informação como inovações implicativas no seu processo de trabalho. As pesquisas sobre essa temática ainda são muito incipientes, os cursos de licenciatura em geral não discutem as TIC e as autoridades educacionais não conferem a elas a devida relevância (Oliveira, 2007).

Suas condições de trabalho estão mudando com a introdução dos novos meios e o docente, até o momento, não tem demonstrado uma posição crítica e reflexiva diante dessas mudanças. Segundo Arruda (2004), a compreensão do trabalho pelo sujeito e de sua posição ocupada em um mundo capitalista permeado de contradições é que fornece subsídios para que o docente busque sua autonomia.

Segundo Sancho (1998), os professores têm tido, até o momento, uma visão parcial das tecnologias. Para a autora, o professor deve possuir um entendimento maior sobre os novos recursos. Para tanto, é importante que os docentes busquem uma efetiva formação inicial e continuada sobre TIC's.

Uma formação crítica e reflexiva que lhes possibilite uma equilibrada ponderação sobre as vantagens e desvantagens das tecnologias educacionais.

Portanto, conhecer as tecnologias da informação e suas implicações para o trabalho docente são competências fundamentais para o professor do século XXI. Significa obter maior controle sobre o seu processo de trabalho e garantir maior posição no embate entre capital e trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Apple, M. (1995). As TIC's em educação: parte da solução ou parte do problema. In M. Apple (ed.), *Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e gênero em educação* (p. 150-173). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Arruda, E. (2004). *Ciberprofessor*. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC.
- Caetano, J., & Marques, A. C. (2002). Utilização da informática na escola. In L. P. L. Mercado (Org.), *TIC's na educação: reflexões sobre a prática* (p. 131-168). Maceió: EDUFAL.
- Corrêa, M. L., & Saraiva, L. (2000). Processo de trabalho. In F. Fidalgo & L. Machado, *Dicionário da Educação Profissional* (p.260). Belo Horizonte: Nete/SETASCAD.
- Farias, I. M. S. (2003). Os professores e as tecnologias na escola: limites e perspectivas da inovação. *Tecnologia educacional*, nº 159/160, 11-61.
- Fidalgo, F. & Mill, D. (2002). Estudo sobre relações de trabalho em sistemas de educação à distância mediada por tecnologias da informação e da comunicação. *Trabalho e educação*, nº 11, 85-113.
- Frutos, M. B. (1998). Comunicação global e aprendizagem: usos da internet nos meios educacionais. In J. Sancho (org.), *Para uma tecnologia educacional* (p. 313-327). Porto Alegre: Artmed.
- Garcia, E. (2004). A experiência argentina na produção de recursos educativos para a internet. In J. C. Tedesco (org.), *Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?* (p. 203-216). São Paulo: Cortez.

- Lessard, C. & Tardif, M. (2005) *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Liguori, L. (1998). As TIC's da informação e da comunicação no campo dos velhos problemas e desafios educacionais. In E. Litwin (ed.), *Tecnologia educacional*. Porto Alegre: Artmed.
- Marx, K. (1985). *O capital: crítica da economia política*. Livro primeiro. São Paulo: Difel.
- Mill, D. (2002). *Estudos sobre os processos de trabalho em sistemas de educação à distância mediada por tecnologias da informação e da comunicação*. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Mill, D. (2006). *Educação à distância e trabalho docente virtual: sobre tecnologias, espaços, tempos, gênero e coletividade na idade média*. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Oliveira, W. L. (2007). *O docente do ensino médio e as tecnologias da informação e comunicação: análise de possíveis alterações no processo de trabalho*. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Paiva, J. E. M. (1999). Um estudo acerca do conceito de tecnologia. *Educação e tecnologia*, 4(1).
- Pinto, C. C. & Preto, N. (2006). Tecnologias e novas educações. *Revista Brasileira de Educação*, 11(31), 19-30.
- Sancho, J. (1998). Apresentação à edição brasileira. In J. M. Sancho (org.), *Para uma tecnologia educacional* (p.11-13). Porto Alegre: Artmed.
- Santos, G. L. (2003). A internet na escola fundamental: sondagens de modos de uso por professores. *Educação e Pesquisa*, 29(2), 303-312.

Abstract: This article seeks to understand the relationship between Information and Communication Technology (ICT) and the intensification of teachers' work. Based on a recent Masters thesis from Federal University of Minas Gerais, the narrative analyzes the research on teachers' work and ICT in Brazil. This article presents and discusses four hypotheses for the increasingly intensification of teachers' work who teach high school in public and private schools and integrate ICT in the classroom. In the end, the narrative points to the fact that the intensification of teachers' work is a constant element in the work process of these individuals. Therefore, teachers should know and critically review the use of ICT in the classroom, especially of computers and the Internet, so they can gain greater control over their own work process and ensure a better position in the conflict between capital and labor.

Keywords: intensification of teachers' work, work process, information and communication technologies.

Texto:

- Submetido: Setembro, 2009.
- Aprovado: Janeiro, 2010.

Para citar este artigo:

Oliveira, W. L. (2010). As tecnologias da informação e comunicação e a intensificação do trabalho docente. *Educação, Formação & Tecnologias*, 3(1), 84-95. [Online], disponível a partir de <http://eft.educom.pt>.